

MUNDO GRÁFICO

DEPÓSITO LEGAL
15
SET 1942



Apesar
da rudeza
do trabalho
a mulher moderna
não perde
nenhum dos atributos
da sua beleza



B.B.C.

A Voz de Londres fala e o mundo acredita

Emissões em Língua Portuguesa

12,45 noticiário. . . .	31,75 m. (9,450 kc/s)
	24,92 m. (12,040 kc/s)
	13,86 m. (21,640 kc/s)
14,15 noticiário. . . .	31,75 m. (9,450 kc/s)
14,30 actualidades . .	24,92 m. (12,040 kc/s)
	30,96 m. (9,690 kc/s)
	31,55 m. (9,510 kc/s)
23,00 noticiário. . . .	41,96 m. (7,150 kc/s)
	1,500 m. (200 kc/s)
	31,55 m. (9,510 kc/s)
	41,96 m. (7,150 kc/s)
23,15 actualidades . .	261,1 m. (11,490 kc/s)
	1,500 m. (200 kc/s)

Sumário

UMA CERIMÓNIA NA CORTE INGLÊSA, de Rocha Martins

REFLEXOS DO MUNDO

HENRY HARWOOD, biografia

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «Observador»

O IMPÉRIO EM ARMAS

A ARMADA DA U. S. A.

SEMPRE PRONTOS

A AVIAÇÃO DOS ALIADOS

A INDEPENDÊNCIA DA CHINA

A GRÉCIA HERÓICA

UMA LEOA GENEROSA

A HORA DA LIBERTAÇÃO

POESIA DO CAMPO

A FRANÇA COMBATENTE

AS CARVOEIRAS

AUCHINLECK, O HERÓI DO DESERTO

FASCINAÇÃO DO MAR

FIGURAS E FACTOS

EPISÓDIOS DA GUERRA

PAGINA FEMININA, de Aurora Jardim

CAMPANHA DE LESTE, por Carlos Ferrão

A «PIRISCA», novela de Guedes Correia

LITERATURA INGLÊSA, de A. R.

CINEMA, de António Lourenço

Capa de J. Lobo



FOGUEIROS!

HERPETOL

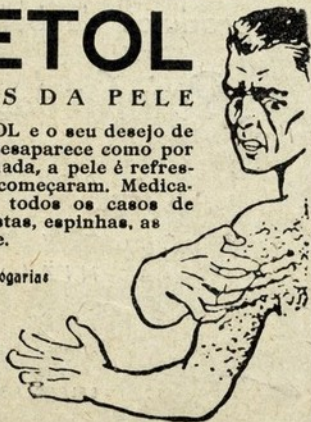
PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



A MAQUINA DE ESCREVER
MAIS PORTÁTIL DO MUNDO!

Construção suíça de alta precisão

DISTRIBUIDORES:

SUL: M. SIMÕES JR., Rua da Conceição
46, L.º E.º - Telefone 21672 - LISBOA
NORTE: ARAUJO & SOBRINHO.
SUZUS, Largo S. Domingos 50
e Filial, Rua dos Clérigos 8, Telefo-
nes 235 e 2352 - PORTO

SEJA PRÁTICO E ECONÓMICO

Viaje na **C. P.**

Informações — em todas as estações da C. P.
— em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 24031
— no Porto: — na estação de S. Bento — Telef. 1712

UMA CERIMONIA NA CÔRTE INGLÊSA

DE ROCHA MARTINS

DOIS soberanos europeus se desvaneceram ao considerarem-se portugueses. Um deles, o famoso Carlos o Temerário, neto de D. João I, nos seus mais arrebatados momentos de cólera, costumava bradar: — Nós, os portugueses, somos assim!

Alegrou-se o duque de Borgonha com o sangue português que lhe corria nas veias e impetuosamente se manifestava. Outro monarca, Carlos II de Inglaterra, decidira-se a desposar a princesa D. Catarina de Bragança, apesar de todas as intrigas do embaixador espanhol em Londres, para o afastar desse matrimônio que corresponderia a portentoso auxílio a Portugal em luta na guerra da Restauração.

Uma noite, o rei da Gran-Bretanha mandou chamar muito em segredo, ao jardim do seu palácio, o representante português, D. Francisco de Melo, que seria maquês de Sande e, ali, lhe disse, em confidência de amigo, que jamais esquecerá o que pela sua causa fizera o embaixador na Haia Francisco de Sousa Coutinho quando do seu exílio. Afirmou-lhe, então, que casaria com a princesa e ante a alegria do enviado de D. Luíza de Gusmão, perguntou-lhe:

— Sou bom português?

No tratado do enlace assegurou que trataria das cousas de Portugal como se da Inglaterra fossem e, apesar da sua índole leviana, ocasiões houve em que já de sua esposa falava com respeito assegurado ainda na hora da morte.

Permitira-se, pelo contracto nupcial, que D. Catarina de Bragança se fizesse acompanhar por sacerdotes católicos e com eles foram os respectivos capelães.

A grande e luzida armada que o conde de Sandwich, Duque de Montaign, comandava, fundeu em Portsmouth e a soberana desembarcou de bordo da «Grão Carlos» onde viajara com mais de cem pessoas da sua comitiva. Recebeu-a o duque de York irmão do rei, entre as aclamações da corte e, ao cabo de seis dias, chegou Carlos II que muito distinguia o marquês de Sande sendo, também, afável em extremo com os outros portugueses.

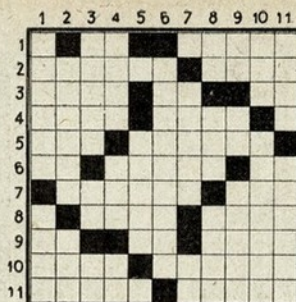
D. Catarina de Bragança enfermara com uma defluxão da garganta e guardava o leito quando o esposo a visitou. No dia seguinte, 22 de Maio de 1662, celebrou-se a cerimônia nupcial e depois do jantar, apareceu o monarca com a esposa pela mão e subindo ambos ao trono ouviram ler os contratos. O bispo de Londres aproximou-se e, em voz alta, declarou à corte ser aquela «a mulher com quem o rei estava casado» ao que todos, em grande alegria, responderam que fôsse por muitos anos.

Carlos II levantou-se; tomou de novo a mão da rainha e conduziu-a aos seus aposentos onde começou o beija mão em sinal de reconhecimento da sua real pessoa e vassalagem.

Imediatamente, a camareira-mór, observando o estilo da corte em semelhantes actos, procedeu a uma nova cerimônia que muito admirou os portugueses. Aquela grande dama começou a tirar os laços azuis que enfeitavam o vestido de tela encarnada, à inglesa, que sua majestade envergara expressamente, conforme o protocolo, e, depois de não restar nem um dos atavios, começou a distribuí-los conforme as categorias das pessoas presentes.

Entregou o primeiro ao duque de York; o segundo ao mordomo-mór e assim contemplou os mais altos signatários e damas que beijavam os laços azuis mostrando-se desvanecidas e guardando-os como preciosos testemunho daquele dia em que a Inglaterra reconhecia mais uma rainha.

De Portsmouth passaram os noivos à casa de campo de Hamptoncourt e por fim a Londres onde entraram a 30 de Setembro pelas seis da tarde, desembarcando em uma ponte junto do palácio da rainha mãe Henriqueta de França, católica como a nova soberana da Gran Bretanha.



PROBLEMA N.º 45

HORIZONTAIS

- 1 — Idem (shrev.); Abertura por onde os mastros dos navios vão assentar na carlinga.
- 2 — Fenómeno de junção de dois líquidos, que atravessam uma membrana que os separa; Usanças.
- 3 — Aplicar; Saudável; Alegria-se.
- 4 — Voltei a ler; Cova pouco funda com água.
- 5 — Tanto; Apressava-se.
- 6 — Aspecto; APELIDO DO BRIGADEIRO AMERICANO QUE TRATOU, POR PARTE DO GOVERNO DO SEU PAÍS, ASSUNTOS DE COMUM INTERESSE COM A COMISSÃO NACIONAL DOS FRANCESES LIVRES, EM LONDRES; Batráquio.
- 7 — Broteria; Agrega.
- 8 — Réptil sáurio; Afecto.
- 9 — Artigo (ant.); Letra grega (inv.); Carimbo.
- 10 — Pantano; Acerca-se.
- 11 — Recursos; Desacompanhado.

VERTICAIS

- 1 — Restringe; Tronco de videira.
- 2 — APELIDO DO GENERAL RECENTEMENTE NOMEADO PARA O CARGO DE MINISTRO PLENIPOTENCIÁRIO DA GRAN-BRETANHA NA SÍRIA; Casa.
- 3 — Sacrifício; Prepos. e artigo;
- 4 — Pequena embarcação usada na pesca do bacalhau; Repetição; Nota musical.
- 5 — Caminho apertado entre montes.
- 6 — Esbulhara.
- 7 — Artéria que nasce no ventrículo esquerdo do coração.
- 8 — Sem roupa; Supõe; Ocasões.
- 9 — Art. (pl.); Nesse lugar; Osso do braço.
- 10 — Grande quantidade; APELIDO DO GENERAL CHEFE DA AVIAÇÃO MILITAR AMERICANA.
- 11 — Uma das grandes partes do Mundo; Que são do ar.



(Solução do problema n.º 44)



CREMES
PARA DE DIA
E PARA DE NOITE



MCCAMPOS

Academia
Científica
de Beleza

AVEN. DA LIBERDADE, 35
TELEF. 2 1866 — LISBOA

Os produtos de beleza

Rainha da Hungria

PARA PELES NORMAIS, EMBELEZAM, REJUVENESCEM E ETERNIZAM A MOCIDADE

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS

NEOGRAVURA, L.^{DA}

A única Empresa que em Portugal trabalha em heliogravura e onde se executa o Mundo Gráfico

Tr. da Oliveira (à Estrêla), 4 a 10-Tel. 64426-Lisboa

REFLEXOS DO MUNDO

Dempsey soldado



Já aqui nos referimos a vários desportistas que estão cumprindo nobremente o seu dever para com a pátria. Do estádio passaram ao campo de batalha manifestando assim que a força só é nobre quando serve o direito.

O antigo campeão do mundo de todas as categorias, Jack Dempsey, é agora soldado como muitos dos seus adversários, entre os quais o actual campeão Joe Louis.

O famoso pugilista presta serviço nas forças marítimas da costa e treina soldados em Manhattan.

Heroísmo feminino



Anna Sofenina é o nome da única mulher do mundo com carta de longo curso. Ocupa-se agora no transporte de abastecimentos entre o Canadá e a Rússia.

Tem trinta e cinco anos e uma já longa experiência da guerra. O ano passado, no mar Báltico, repeliu um ataque de avisos-torpedeiros, conseguindo levar o seu navio a porto de salvamento, apesar de atingido com três torpedos.

A cidade subterrânea



Terminaram agora em Londres as obras do primeiro de uma série de abrigos gigantes. Pode comportar 35 mil pessoas.

Está a 40 metros de profundidade e no seu enorme bôjo há lojas, restaurantes, escritórios, médicos, hospital e habitações

onde podem dormir famílias completas.

Entra-se pelas estações do Metropolitano. Estes abrigos destinam-se apenas aos operários de guerra que têm de permanecer em Londres.

São verdadeiras cidades subterrâneas. Londres que assombrou o mundo está mais forte de que nunca. Ficar, na História, como a cidade invencível, o facho da Vitória.

Gracie Fields



Os grandes artistas ingleses do cinema, que se encontram na América, responderam prontamente ao apelo do seu Governo para colaborar no esforço de guerra.

Gracie Fields declarou:

— Se o meu país carece de mim, estou pronta!

Por seu turno, Merle Oberon disse:

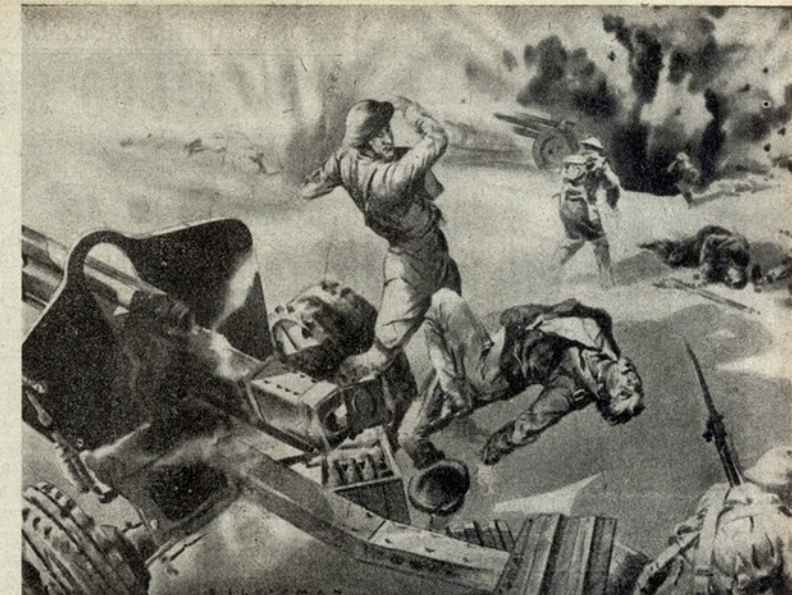
— Devemos cumprir imediatamente o nosso dever. Firmei contratos para trabalhar em dois filmes, mas vou anulá-los. Quero seguir com meu marido para Inglaterra.

Errol Flynn que nasceu na Gran-Bretanha, mas que se naturalizou americano já se ofereceu duas vezes para a marinha de guerra, sendo, porém, rejeitado por sofrer do coração. Nenhum faltou à chamada, mas já antes muitos se haviam oferecido com verdadeira exaltação patriótica. Onde está um inglês está a Inglaterra. Isto é de todos os séculos — e é de hoje!

A guerra através do cinema

O principal papel dum filme de guerra britânico é desempenhado pelo actor Esmond Knight, que per-

deu a vista na batalha naval, onde foi afundado o couraçado nazi Bismarck.



Um heróico ataque da Infantaria Britânica às primeiras linhas do Africa Korps

Apesar da cegueira, o seu trabalho artístico é perfeito, pois o artista tem completo domínio de cena, e está habilitadíssimo a filmar.

A doença se o afastou dos campos de batalha não o impede de contribuir a seu modo, para a vitória do seu país.

Aventura polar



Um avião de transporte «Hudson» tripulado por quatro homens, partira da Terra Nova para Inglaterra. Sobrevoou a Groenlândia e a Islândia.

Ao passar sobre a Groenlândia atravessou uma zona de intenso nevoeiro, onde havia uma grande tempestade, que pôs fóra de acção a agulha magnética e a telegrafia de bordo.

Durante horas voou ao acaso. A situação tornou-se ainda mais perigosa quando parou um dos motores. O piloto, a baixa alti-

tude, sobre o gelo, procurou, durante uma hora um local para aterrar. Três vezes o tentou mas o gelo quebrava, impossibilitando a manobra. Ao descer finalmente, numa clareira, o aparelho afincou.

Pouco depois viram vir na sua direcção dois cães, seguidos por vários homens. Eram os componentes de um destacamento americano ali estabelecido há oito meses, isolado do resto do mundo. 50 milhas em volta, sem um ser vivo!

Os aviadores conseguiram reparar a telegrafia e emitir sinais, graças aos quais foram localizados.

Dias depois descia um avião «Catalina», da marinha americana, que os salvava, transportando-os para Inglaterra.

O rei Haakon



Passou no dia três de Agosto o aniversário do Rei Haakon da Noruega. As demonstrações entusias-

mo do seu povo são daquelas que não enganam sobre a popularidade que a nobre figura do soberano disputa no seu heróico país e no mundo livre.

Essa popularidade já era um facto mesmo antes da guerra. Ao interpretar, porém o espírito

de resistência do seu povo Haakon mostrou que não sabia apenas ser rei nos dias fáceis da paz; sabia-o ser também nas aguras da guerra.

Quando os alemães invadiram a Noruega e cercaram Oslo foi resolvido que o Rei, o Governo e a Assembleia Nacional seguissem para Havar. O Rei faria viagem de automóvel, os outros num comboio especial.

Quando o automóvel parou à porta do Palácio Real, Sua Majestade fez saber que, tomaria o comboio onde seguissem as outras personalidades. Não queria, disse, receber qualquer tratamento especial, mas sim partilhar o destino dos representantes seu povo fosse ele qual fosse.

Um grande rei e um grande povo!

Parentesco de sangue e de valor



Conquelin Mann, da Sociedade de Biografia e Genealogia de Nova York, descobriu recentemente o

parentesco que liga três das principais figuras de guerra.

Churchill e Roosevelt são primos em sexto grau. A mãe do Primeiro Ministro era americana e o pai descende em linha recta dos duques de Malborough. O general Mac Arthur é primo de Churchill em 8.º grau e em 6.º de Roosevelt.

Se os não unisse o parentesco de sangue unia-os o valor: o mesmo espírito heróico e a mesma vontade indomável. Pelo espírito não são apenas primos; são irmãos!

Quere ganhar dinheiro?
Anuncie no MUNDO GRÁFICO



HENRY HARWOOD ★

TEM actualmente o posto de almirante da Marinha Real. Mas o seu nome ficará, para sempre, inscrito nas páginas da história com esta legenda: o Comodoro Harwood. É o herói da batalha do Mar da Prata. Conta-se que o seu adversário nessa luta memorável, o capitão de mar e guerra Hans Langsdorff teria dito ao arrastar as pequenas unidades britânicas que se dirigiam resolutamente sobre o «Graf Spee»: «Mas isto é uma impertinência. A vitória que coroou essa impertinência pertence ao número daquelas que nada poderá apagar. O seu artifice comanda, neste momento particularmente difícil, a esquadra inglesa do Mediterrâneo».

O almirante Harwood nasceu em 1888, contando actualmente cinquenta e quatro anos. Guarda marinha em 1904 foi promovido a tenente dois anos depois. Tinha apenas dezoito anos. Durante a conflagração de 1914-18 tomou parte em várias acções navais de relêvo. A sua especialização em tropes criou-lhe rapidamente uma certa nomeada e tornou conhecida nos meios navais a sua vigorosa personalidade.

Promovido por distinção em 1921, entrou nesse ano para o estado maior naval e foi colocado no serviço de operações no almirantado.

Aos quarenta anos era capitão de mar e guerra sendo-lhe confiado o comando duma divisão de contra torpedeiros no Mediterrâneo. Em seguida comandou no mesmo mar, o cruzador pesado «London». Em 1934 foi chamado a prestar serviço na Escola Naval onde se conservou até à sua promoção a Comodoro, posto com que assumiu o comando da estação naval da América do Sul arvorando o seu pavilhão a bordo do «Exeter».

CRÓNICA INTERNACIONAL

O PERÍODO CRUCIAL

FOI no seu famoso discurso de Nottingham que o secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros, sr. Anthony Eden fez as seguintes declarações categóricas:

«Que não subsista a mais ligeira dúvida no espírito dos nossos inimigos. Quer a luta seja curta ou prolongada, nós com os nossos aliados continuaremos a fazer a guerra até à sua conclusão vitoriosa. Nenhum contratempo, nenhuma decepção temporária, nenhuma batalha perdida modificarão a nossa firme decisão de continuar a luta contra as potências do «Eixo» até que estas sejam desarmadas e assim postas na impossibilidade de reincidir.

Trabalharemos juntos para alcançar a vitória e para conseguir aquilo que há-de seguir-se à vitória. Não combatemos juntos durante tantos anos para que o mundo volte a ser dominado pelo pavor, pela fome e pelas esperanças que se não transformam em realidades. Precisamos criar uma sociedade em que a lei internacional e a ordem predominem e em que cada nação possa viver e trabalhar livremente sem receio nem temor. Se isto não acontecer é a própria humanidade que será destruída».

As nações unidas definiram, na Carta do Atlântico, os seus objectivos de guerra. Sabe alguém que os seus adversários tenham feito o mesmo? As nações unidas declaram, categoricamente, que apenas continuam a fazer a guerra como base indispensável para se conseguir no mundo uma era de paz cujas linhas gerais ninguém ignora. E' bem diversa a posição dos seus adversários que, tendo o domínio de uma grande parte do continente europeu durante um largo período, nunca puderam precisar em factos concretos os princípios correspondentes à fórmula genérica da Ordem Nova.

Os que habitualmente desdenham a influência do factor tempo no curso das hostilidades, sabem que esse factor condiciona neste momento a estratégia geral da luta temerosa em que o mundo se envolveu. E que são as suas exigências que explicam os factos a que estamos assistindo.

O discurso que o marechal Goering há algumas semanas proferiu, dando conta dos horrores que o exército alemão suportou na Rússia durante o inverno passado, dão idêntica do que seria uma nova campanha feita em condições idênticas a partir de outubro deste ano. Por fim, é legítimo dizer que o período que os beligerantes atravessam actualmente é o período crucial desta guerra cuja duração ninguém poderia prever, quando ela se iniciou pelo ataque à Polónia em setembro de 1939. Foi a sua transformação de guerra relâmpago em guerra demorada, de guerra de tipo continental em guerra mundial que definiu as suas características e o seu resultado.

A posição das nações unidas é completamente diversa. O seu potencial militar cresce à medida que o tempo decorre. Os seus exércitos de terra aumentam, valorizam-se as suas esquadras, robuste-se em proporções imprevistas a sua aviação. Uma guerra feita à base do material, são os seus recursos em matérias primas e o seu potencial industrial que decidem da vitória. Mas para os que meditam sobre a mais grave dessas dificuldades, a que é criada pelos ataques implacáveis dos submarinos, oferecemos dois números que acabam de ser revelados em Berlim e em Washington. Os alemães afirmam que afundaram no Atlântico, durante o mês de junho, um total de 815.900 toneladas. A Maritime Commission forneceu o número relativo às construções realizadas nos Estados Unidos durante o mesmo período: 71 navios totalizando 800.000 toneladas. Estes números supõem que dispensam todos os comentários.

O OBSERVADOR

A questão da Índia

O mundo compreendeu, depois da visita que Sir Stafford Cripps fez à Índia, que este país passava a constituir não apenas para a segurança do Império britânico mas também para a causa das nações unidas um perigo que era necessário remover. O partido do Congresso pretendendo sobrepor-se à grande maioria da população indiana preparava um incremento de agitação. Se os movimentos dessa ordem em tempo de paz, haviam já causado à Índia e aos seus filhos os mais graves transtornos, aquele que se pretendia desencadear, em plena guerra, assumia uma gravidade tal que se impunha a aplicação de medidas rápidas e enérgicas.

Os documentos enviados pelo governo indiano a Londres confirmavam, de maneira insofismável, a intenção afirmada de, sob o pretexto de dar à Índia uma Constituição e a independência, se facilitar a penetração nipônica no país. Todos os aliados da Gran-Bretanha na luta em que estes se empenham (e alguns deles são, como o marechal Chang-Kai-Chek, dos mais ardentes defensores da causa da independência indiana) apoiaram, sem reservas, as medidas preventivas adoptadas pelo gabinete britânico. As declarações de dois mais categorizados chefes da população indiana, um hindu, o Rajah Gopalabhar, outro árabe, Jinnah, não deixam dúvidas sobre o fundamento dessas medidas e sobre os sentimentos verdadeiros do povo da Índia.

A Gran-Bretanha tinha dado suficientes provas da longa amizade e do seu desejo de contemporizar para que possam ser-lhes assacadas quaisquer responsabilidades nos incidentes, de carácter secundário, que se suscitavam na Índia e que preveniam um perigo gravíssimo para as nações unidas.

A França

A situação em França tende a agravar-se. Compreende-se muito bem que um país com as tradições de patriotismo como aquele, sinta com terrível amargura o drama da ocupação. A fome, os fusilamentos, as perseguições, o recrutamento dos seus operários, que a isso são compelidos, são factores que criam, como não podia deixar de ser, um estado de nervosismo, de impaciência, de inquietude. A provação da França será a sua redenção. Ao lado de Foch, levanta-se a figura do general De Gaulle. Os louros do Marne não emurdecheceram. A espada gauleza rebrilha, como ouro, através da sua história. A sombra que sobre ela caiu será o sol de amanhã.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: ARTUR PORTELA

Editor: ROCHA RAMOS

Propriedade de Mundo Gráfico, L^a

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 25240

Composição e Impressão: Neogruva, Ld.^a, Travessa da Oliveira, à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Eles despedaçarão tudo para libertar o mundo

O IMPERIO EM ARMAS

USANDO há pouco tempo da palavra, na Câmara dos Comuns, o ministro do Trabalho do Gabinete britânico, sr. Bevin, afirmou que nunca, na história da humanidade, um povo trabalhara para a guerra e para a vitória, como actualmente o faz o povo inglês. O sr. Bevin, que é hoje uma das personalidades mais categorizadas não apenas na política do seu país, mas na política mundial, indicou, sem esforço, os números que comprovam a sua afirmação. De entre esses números, um basta para resumir a impor-

tância da sua declaração de significado histórico: vinte e dois milhões de ingleses trabalham para a guerra, nos campos e nas oficinas, no mar e no ar, produzindo ou batendo-se. Nunca a utilização do potencial humano dum país atingiu tais proporções. Entre os que se sacrificam pela causa comum o sr. Bevin prestou um tributo merecido de homenagem à dedicação, de entusiasmo e ao fervor patriótico das mulheres inglesas. Os soldados da Inglaterra encontram-se, de facto, em todos os recantos do mundo. Na Ásia e



O Grande Churchill, nos Estados Unidos, no meio do gigantesco exército paraquedista americano



Os marinheiros da Gran-Bretanha bateram-se ao mesmo tempo, em todos os mares. Nenhuma palavra serve para dar idéia do seu esforço exaustivo. Foi o seu pulso gigantesco que apertou as vias por onde o inimigo podia respirar e que ainda as têm seguras. O bloqueio é uma arma decisiva que nem por actuar a distância deixa de ser de uma eficácia terrível. Foram esses marinheiros que se bateram, entretanto, na batalha do Rio da Prata, na luta contra o "Bismarck", em Tarento e no Cabo Matapan. Vai para três anos que a Royal Navy mantém no mundo o que resta de civilização e de respeito pelas mais nobres tradições da vida humana. E com ela, que dizer da marinha mercante

(Continua na página 29)

Em plena batalha do deserto, os tanks comandados por Auchinleck rompem as linhas inimigas



Europa, na Africa e na Oceania, há representantes do Exército britânico que arriscam diariamente a existência. Que teria acontecido à humanidade e quais seriam as perspectivas actuais que esta teria de enfrentar se a ilha britânica não se houvesse transformado no baluarte único da resistência à ofensiva temerosa do adversário? Quem se esqueceu já dos discursos pronunciados pelo Primeiro Ministro, entre Junho de 1940 e Junho de 1941, quando tudo parecia irremediavelmente perdido? Os soldados da Gran-Bretanha salvaram, então, com a independência do seu país, a causa

da civilização. Continuaram muitos deles no seu posto. Mas em vez duma defensiva desesperada é já numa ousada ofensiva que os seus chefes agora podem falar. No Norte de Africa, no Egipto, na Síria, no Iraque, no Irão foram esses soldados que evitaram os duros golpes do adversário despedidos contra os centros vitais não apenas do Império britânico mas das nações unidas, e foi ainda a sua resistência tenaz na Malásia e na Birmânia que permitiu mudar o sinal da ofensiva nipônica dando tempo para se preparar, na Austrália, a contra ofensiva que se anuncia.

Uma acção na retaguarda do inimigo. Uma coluna de abastecimento é destruída pela valorosa infantaria inglesa

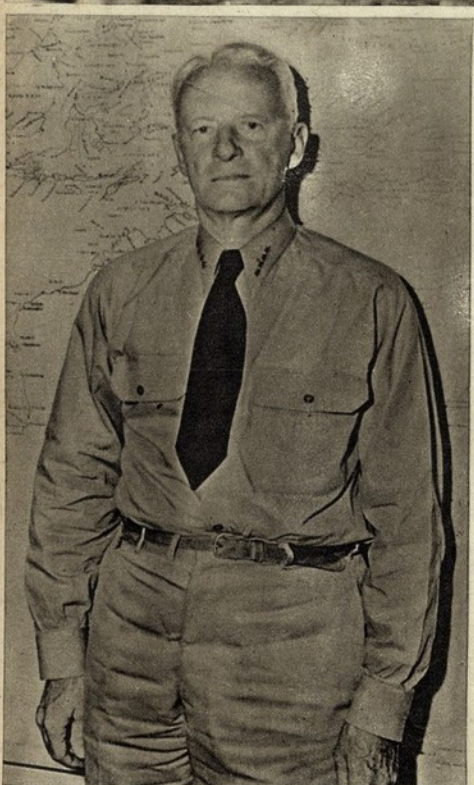


Milhares de prisioneiros alemães, numa cadeia sem fim, marcham para os campos de concentração

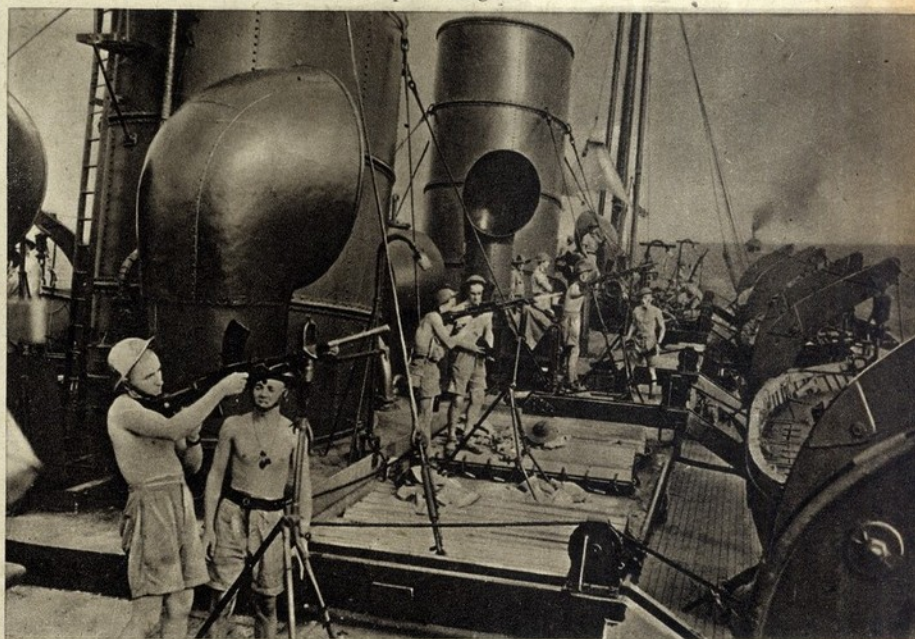
O que devoram as metralhadoras de um tank



A esquadra americana do Pacifico, na área de combate, depois da vitória de Midway. Batidas gloriosamente pelo sol, as poderosas naves dos Estados Unidos cortam os mares abandonados pelo inimigo



O almirante Chester Nimitz, vencedor de Midway



Soldados americanos que defendem um porto da Austrália, já têm no seu activo numerosos aviões japoneses abatidos



A hora do repouso, os rapazes gozam tranquilamente o prazer dos deveres cumpridos

SEMPRE PRONTOS...

É uma divisa de bem-fazer, esta que os Escoteiros de Portugal adoptam para a sua humanitária missão — aquela missão que sir Baden Powell lhes confiou ao fundar as organizações de escoteiros de todo o mundo.

Com efeito, os rapazes que formam os vários agrupamentos de tão simpático organismo, hoje, diga-se de passagem, absolutamente integrados no espírito que orienta a educação da mocidade, têm missão merecedora de relêvo.



Um grupo de escoteiros, munidos de equipamento próprio, prestam auxílio a um «gaseado»



Fillados na organização praticando o humanitário exercício de maqueiros

Díssemos os rapazes. Todavia, melhor diríamos, também, os jovens — assim ficaria a referência mais exacta. Pois, é do conhecimento de toda a gente que o «grupo auxiliar feminino» que coopera em todas as actividades da organização escotista, é elemento digno de aplausos. A sua colaboração é preciosa: as raparigas «escoteiras» emprestam um admirável espírito de solidariedade a todos os exercícios praticados pelos rapazes — quer sejam de natureza desportiva, quer humanitária, ou ainda que a sua acção colaboracionista exija os maiores perigos.

Elas são maqueiras, hábeis condutoras de ambulâncias, companheiras respeitadas pelos seus actos de abnegação e de desinteressado auxílio.

Quantas vezes, elas se sobrepõem em dedicação ao espírito masculino. Que a referência seja, injustamente, tomada à conta de desprimorosa para os rapazes? De modo nenhum. Estes têm dado provas de sobrejo de quanto podem e fazem dentro da difícil tarefa de que são incumbidos.

Todavia, sem o incentivo das jovens companheiras, quem sabe se a missão dos seus camaradas, pareceria menos elevada?



Um garboso escoteiro fazendo a continência característica

Mas, não. Há em todos os modos usados pelos escoteiros — não importa o sexo — um espírito a uni-los patrioticamente.

Sem desprimor para outros valiosos organismos; poder-se-ia talvez afirmar, que raros são os elementos componentes dos Escoteiros de Portugal que não tenha em mira o lema de ser útil a toda a gente.

A parte, a virtude humanitária em que há tanto andam empenhados os Escoteiros, outro pormenor é digno de referência: a prática higiénica do desporto ao ar livre, nos seus períodos de acampamento nas praias, nas serras, e em que o campismo disciplinado e obediente às regras naturais, constitui a melhor escola de formação moral e física para o indivíduo.



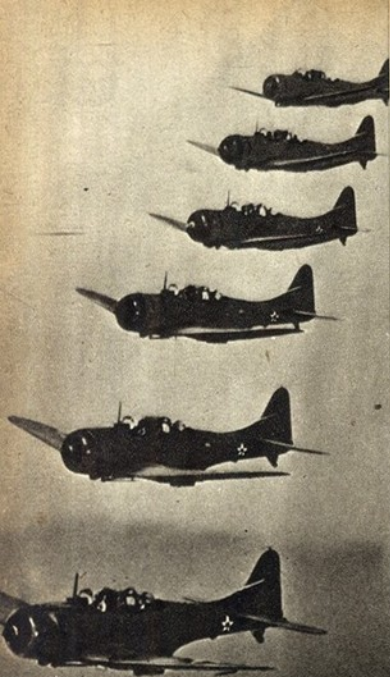
Uma jovem escoteira mostra grande perícia na condução de um carro de socorro



Não sabemos que mais admirar, se o garbo das escoteiras se a sua firmeza de ânimo



Escoteiros na carinhosa missão de re' um «ferido» da ambulância



Milhões de paraquedistas estão prontos, em todos os teatros de guerra, para a campanha da libertação da Europa

A AVIAÇÃO DOS ALIADOS



As esquadrilhas de guerra americanas voam já sobre a Europa. Ao lado da R. A. F., elas vão abrir o caminho à segunda frente



Os pronúncios da grande expedição. Tropas inglesas transportadas pelo ar exercitam-se nos campos da Gran-Bretanha



O Dia da Mulher na China. A senhora Chang-Kai-Chek consagra o aniversário dessa data, falando às mulheres do seu país



A mulher chinesa cumpre os seus deveres patrióticos. As estudantes substituem os homens no trabalho dos campos



A China maravilhosa. Um côro nacional cheio de fé nos destinos da Pátria irrompe dos seus lábios juvenis

A INDEPENDENCIA DA CHINA



O general Hsiung Shih-Fei, chefe da missão militar chinesa nos Estados Unidos, passa em revista a guarda de honra



Roosevelt, o chefe da grande nação americana, com o rei Jorge da Grécia

A GRECIA HEROICA

EM 28 de Outubro de 1940 a Grécia foi arrastada para a guerra. Viu o seu solo invadido, as suas casas devastadas, os seus homens mobilizados. Durante seis meses bateu-se com um heroísmo que encheu de admiração o mundo. Os seus adversários contavam-se na primeira linha dos que renderam uma homenagem merecida à honra desse pequeno povo que soube honrar e prestigiar as mais nobres virtudes colectivas: o amor da pátria, o sentimento da independência, a noção superior da dignidade nacional.

Primeiro, lutando contra a Itália, depois lutando contra os países do «eixo» associados, a Grécia escreveu uma página de ouro na sua história imortal. Os seus filhos caíram no campo de batalha preferindo a morte à desonra ou à submissão. Os nomes heróicos da antiguidade revi-

veram com um esplendor novo na imaginação dos homens do nosso tempo. O desfileiro da Termópiles foi, mais uma vez, no decurso dos séculos, o símbolo augusto da vontade de independência e do espírito de resistência que animavam os gregos antigos.

Depois disso, nunca mais a Grécia deixou de manifestar a sua vontade de independência e a sua ancia de liberdade. O campeão dessa vontade e o interprete dessa ancia é o rei Jorge II. O documento que para sempre ficará a marcar aos olhos do mundo, uma e outra, é a mensagem notabilíssima que dirigiu ao povo grego antes de seguir para Creta, onde continuou ainda durante algumas semanas a resistência admirável que não cede perante a força e se não curva perante a violência.

(Continua na pág. 28)



O melhor amigo desta leoa, recém-chegado de África ao Jardim Zoológico, é um pequeno cão que durante o viagem se tornou seu favorito

UMA LEOA GENEROSA



SÃO frequentes e quase sempre admiráveis as lições de bondade e dedicação que os animais oferecem aos homens. Embora mal aproveitadas, ou desdenhadas até, muitas vezes, não perdem por isso o seu apreciável conteúdo de ternura, poesia e carinho.

Encantam, seduzem e prendem. Nas grandes curvas da história, quando o mundo ameaça desmoronar-se, arrastado pela cobiça de prepotentes e desassisados, muitos homens devem, mesmo, recolher ou pelo menos meditar nessas lições, para que a fraternidade humana não se perca à face da terra.

Fica como exemplo, melhor, como lição perfeitíssima de harmonia de viver o que, actualmente, se pode verificar no Jardim Zoológico entre uma leoa e um cão. Parecem mãe e filho, ou simplesmente dois irmãos, de idades diferentes, sem ambições nem distâncias, que repartem irrimavelmente tudo quanto recebem. Querillas, zangas, más disposições ou



Uma futura domadora treinando-se na sua difícil arte

rancores são doenças de que não padecem. Se ela, às vezes, tem melhor e mais saboroso pedaço, não acaba a refeição sem dar ao companheiro uma parte; e, quando ele encontra um fofu lugar para dormir um longo e repousante sono, deixa sempre espaço suficiente para que venha estender-se, a seu lado, a elegante companheira.

Vieram ambos de Angola, numa gentil oferta do sr. comandante Alvaro Morna, governador dessa provincia. A leoa, rainha da selva, está domesticada, e o cachorro, um bonito brinquedo vivo, tem modos equilibrados de bicho da cidade. Lá no fundo, evidentemente, cada um tem os seus violentos instintos. Não os manifestam, porém, nem os deixam perceber sequer aos visitantes do «Zoo». Ela, forte, podendo impôr a sua vontade com exito quasi sempre certo, não faz uso das patas nem da medonha dentuça. Desdenha a carne crua e só come aquela que lhe é servida já cozinhada. Com este e outros hábitos mostra que, muito embora se

A leoa deixa-se acariciar por esta criança. O cão parece também implorar uma festa

(Continua na pág. 29)



A defesa de um rio. À roda de uma cidade, as tropas alemãs não conseguem avançar. As metralhadoras e a artilharia defendem o curso de água com uma cortina de fogo



Prisioneiros austriacos. É uma leva enorme, que marcha agora para um campo de concentração



A infantaria britânica bate-se no deserto heróicamente. O fogo inimigo não a detém. Ela ultrapassa-o como se vê nesta admirável fotografia, em que o soldado avança por entre os estilhaços da granada direito ao objectivo



guerra mecânica. Uma das divisões blindadas de Auchinleck — os famosos tanks "Grant", de construção americana — numa acção vitoriosa contra as tropas do "Eixo"

NA HORA DA LIBERTAÇÃO



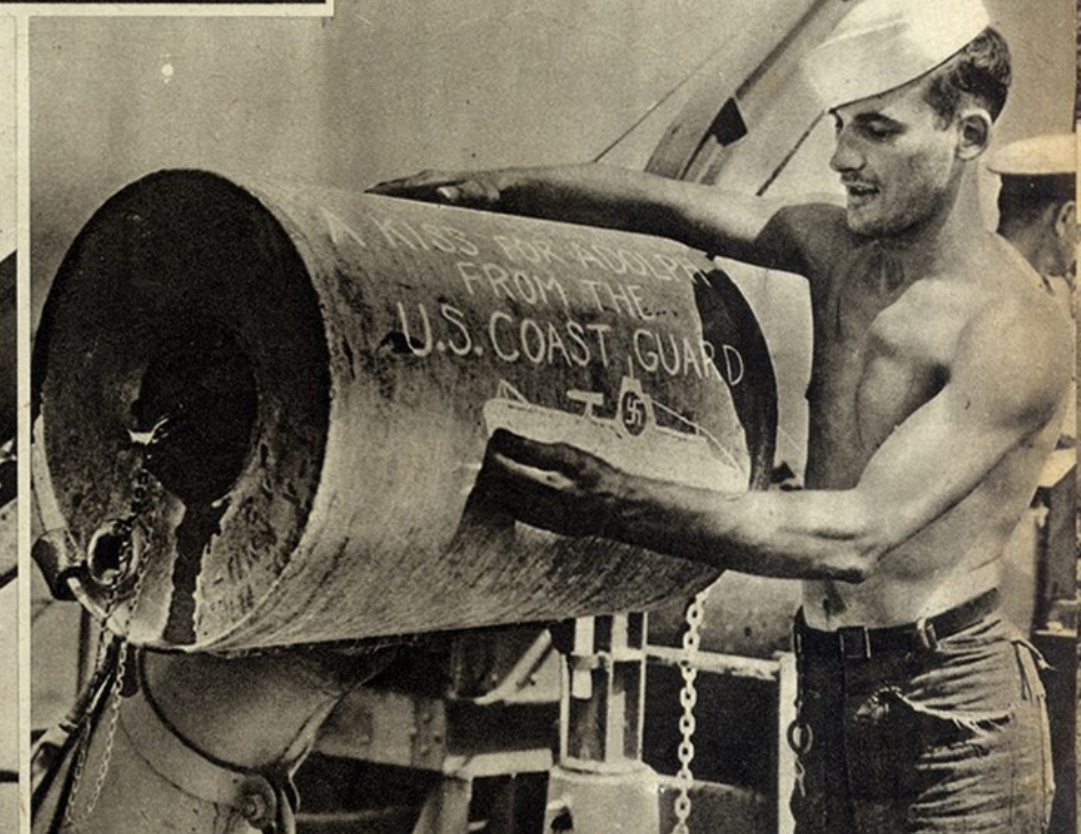
A R. A. F. domina no Médio Oriente. Os seus raids sobre o campo inimigo são terríveis de devastação. A bomba que um "Boston" vai lançar sobre as linhas adversárias



A batalha do mar de Coral foi fatal para os japoneses. Nela e na de Midway, a maioria dos seus porta-aviões foi afundada. Eis o "Ryukaku", incendiado pela aviação americana, antes de se afundar



Os aliados estão de facto unidos. A guarnição chinesa de uma metralhadora anti-aérea a bordo de um couraçado americano



Marinheiros americanos. Músculos de aço e cargas de dinamite. Uma bomba de profundidade da guarda costeira dos Estados Unidos destinada aos submarinos alemães



Entre árvores centenárias, depois do trabalho acende-se a fogueira do acampamento



Ao fim da tarde. A equipe feminina trabalha intensivamente. As árvores cortadas são agora conduzidas pelos animais

POESIA DO CAMPO



As mulheres entregam-se a todos os trabalhos do campo. Os seus braços, apesar de frágeis, erguem o tronco das árvores que foram abatidas pelo lenhador



Uma linda tosquiadora com dois brancos velos de carneiro



A FRANÇA COMBATENTE

Aos acordes heróicos da Marselhesa — Allons enfants de la Patrie — o general De Gaulle passa revista às suas tropas, em Londres



As pranchas curvam-se sob o peso delas e dos carregos e a fila não acaba, num vai e vem contínuo



Contas à vida. A montanha negra sumiu-se e ficaram esperanças noutras montanhas



Os seus olhos são como o carvão. Negros e brilhantes. É a carvoeira mais bonita

As carvoeiras

As pranchas recurvadas estremeçam sob o bater cansado dos pés, como fios bambos agitados pelo vento. E a fila não pára nem acaba, que a montanha negra, sempre renovada, é inexgotável. É uma corrente contínua, subindo e descendo, canastra vazia, canastra cheia, fluxo e refluxo de maré, sempre agitada. E as pranchas estremeçam sempre, sob o peso dos pés enegrecidos, e os pés sob o peso delas, dobrados pelos quadris vigorosos, que a montanha negra parece não acabar.

Canastra vazia, canastra cheia e a fila não tem fim. Passa continuamente, ondulando em vibrações de corda distendida. As cestas e o carvão fazem-lhe sombras no rosto contraído, olhos postos no caminho estreito. E os pés continuam seu calcar pesado, num batuque que dura todo o dia.

A montanha negra, enorme, tem seu cume ainda alto, inatingível. Por isso, elas não param, subindo e descendo, dobradas agora, ligeiras em seguida.

Vai-se um dia e outro dia, e o cume aproxima-se dos seus olhos baixos, postos no caminho estreito.

Largam desta vez os barcos que trarão outras montanhas — outras montanhas negras que elas derrubam para alimentar monstros de aço e dar um naco de pão aos filhos.

AUCHINLECK

O HEROI DO DESERTO



Um posto avançado no deserto. A metralhadora está em acção desalojando o inimigo das suas posições



Um canhão anti-tank do 8.º Exército, em plena batalha. Os artilheiros estão satisfeitos com os resultados do seu fogo



Apesar do fogo do inimigo, o comboio britânico passa sem ser atingido. No primeiro plano um veterano da campanha do deserto



O glorioso general Auchinleck, que conquistou El Alamein e paralisou o avanço de Afrika Korps fazendo milhares de prisioneiros e destruindo centenas de tanks



A infantaria britânica defende o terreno recentemente conquistado, com novas fortificações



Dois «charutos» ao desafio, com as suas gentis tripulantes, numa regata de amizade



As «gaivotas» são uma espécie de tricicles que andam na água para viagens inofensivas de pequeno curso

NÃO é uma hipótese, nem tão pouco pode ser tomada à conta do exagero a composição multicolor que as praias portuguesas oferecem nesta época em que, por vezes, os homens se sentem tritões e as senhoras, quasi sempre, se transformam em sereias...

O quadro é simples e natural, na comunhão que se restabelece entre a tentação do mar e a graça das banhistas.

Nem é preciso grande poder imaginativo para lhe imprimir feição paradisíaca — um aspecto do Paraíso em que a inconstância das ondas fôsse, porventura, substituída pela imobilidade hierática da floresta e as Evas, por virtude de um capricho mitológico dos deuses do Olimpo,

A FASCINAÇÃO do MAR



A hora de banho e a hora de sol. Um «maillots» elegante e uns óculos escuros que devem esconder uns lindos olhos



Um canto do Tamariz. Atenção e curiosidade



Como se mergulha segundo as regras da boa natação

se transformassem em Vénus ao contacto da espuma que lhes acaricia a esbelteza das formas.

Este dia quente de Agosto levou-nos de longada, pelas praias arrabaldinas, que bordam a linha do Estoril, até ao Tamariz.

O quadro contemplado tem para nós o encanto de uma visão imprevisita, aparente, aberta sobre o horizonte marinho. O nosso poder contemplativo demora-se longamente na linha azul-violácea em que mar e infinito se confundem.

Este pormenor, porém, reflete, tão somente, o costume de quem se perde na contemplação das instâncias...

Regressemos, pois, às realidades hu-



Debaixo das umbelas, que escorrem cor, um pouco de cosmopolitismo

manas que, neste caso, também possuem deslumbramento.

Talvez, com um pouco de objectividade no sentido destas ligeiras notas, o repórter pudesse revelar nomes, entre mostrar certas inconfidências — aliás inofensivas. Não cita, por exemplo, esta rapariga loira, muito esbelta, um tudo nada *sans façon*, que, estendida na areia, lê uma recente novela psicológica; não alude àquela morena de olhos carbunculosos, a entreter espirituoso duelo de frases no qual o adversário é «gravemente» ferido pelo espírito cintilante da linda esgrimista... Nem a mais leve referência se faz àquela jovem lendo, perscrutadoramente, como num livro aberto, nos olhos de certo rapaz.

E' de ver que, assim, a resenha fique incompleta; mas também é certo que pior ficaria se não nos referíssemos ao local — cremos que toda a gente adivinharia que se tratava do Tamariz.

E' ali, a dois passos de Lisboa que pudemos admirar o pouco do que aqui di-

zemos e o muito que a leitora imaginará. E' nos dado observar civilizados costumes da vida elegante, reconhecermos rostos a que já nos habituamos a admirar nas ruas da cidade; é ali que, despreocupadamente, se tomam banhos do mar, do sol; se tomam gelados à sombra de coloridas umbelas, se tomam conhecimentos; e até as peles das elegantes tomam tonalidades bronzeadas, que as acreditará nos salões quando as primeiras chuvas do outono as afugentar, como um bando de pombas, para a quentura apetecida do lar.

O Inverno, contudo, ainda vem distante. Estas brumosas manhãs de prala, nem de longe despertam o desejo de uma dança de «habitat».

Depois do mar e a magia que a sua contemplação sugere no espírito das jovens banhistas, prendem por tal forma os corações que não será motivo de assombro se dissermos que muitos destes ficarão prós, a certas e misteriosas ondas... afectivas.



Depois do banho. Uma das melhores nadadoras do Estoril

FIGURAS E FACTOS



O sr. dr. Oliveira Salazar recebe dos dirigentes dos Sindicatos Nacionais a mensagem que o nomeia sócio honorário daqueles organismos



O sr. prof. dr. Marcelo Caetano discursando na cerimónia da inauguração do novo curso de graduados da Mocidade Portuguesa



O sr. embaixador de Inglaterra, acompanhado do adido naval britânico, agradece ao sr. ministro da Marinha a acção prestada pela Armada e Aviação portuguesas para salvar os naufragos do «Avila Star»



O oficial do «Avila Star», que comandou a baleeira encontrada pelo «Pedro Nunes», fala dos representantes da Imprensa estrangeira em Portugal



Um expressivo retrato a óleo do Presidente Roosevelt e do Primeiro ministro Winston Churchill, do distinto pintor leiriense Manuel Nogueira da Assunção

EPISODIOS DA GUERRA



Os tanks avançam sobre o inimigo, que é forçado a render-se



A infantaria desaloja o adversário de uma aldeia, depois de um bem sucedido ataque de artilharia



Em cima: Soldados sapadores fazem saltar uma defesa inimiga, avançando com êxito.

À esquerda: um reconhecimento nas margens de um rio, utilizando barcos de borracha.



Entre a suprema fealdade, a suprema beleza

CONSELHOS DE BELEZA

Contra a transpiração do rosto

Adicionar à água com que se lava a cara, um pouco de vinagre aromático ou de álcool canforado.

Mãos vermelhas

Pode ser devida, a vermelhidão, à má circulação do sangue. Lembrem-se de Aramis nos «Três Mosqueteiros»? Tinha sempre as mãos erguidas e todos os gestos eram em altura.

Fazer o seguinte:
Friccionar com

Água de Colônia 70,0;
Tintura de Benjoim 15,0.

Deixar secar e aplicar depois o seguinte pó:

Borato de sódio 5,0;
Naftol Beta 5,0; Alumén em pó, 2,0; Talco boricado 100,0.

CASA QUEY

Hosiery Spécialits

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE

RUA SERPA PINTO, 18

PAGINA FEMININA

DE AURORA JARDIM

PEQUENAS ALTERAÇÕES QUE, NA MODA, SURGEM

Um detalhe aqui, i certa modificação acolá, são pequenos nada que, insensível mas efectivamente, vão modificando a linha geral da moda.

Assim:

- o avental nos vestidos de tarde continua a usar-se, mas é agora plissado, dando o aspecto novo de um leque.

- algumas saias têm barra em baixo; barra que também toma o sentido vertical, subindo pelas duas costuras da saia indo até à cinta; efeito que se obtém com galões ou com tecido de cor contrastante.

- o corselet da saia acentua-se cada vez mais, vincando a nota 1900. Para baixo, saia cloche.

- o vestido inteiro, com aba, dá a ilusão de saia e casaco, tendo alguns o corpo em forma de coleto.

- o casaco é direito para desporto e cintado, justo para a tarde.

● assim que o outono chegar, chega também o reino do *tailleur*; o casaco continuará a ser mais comprido do que na estação anterior — nele se empregará muito a fazenda para fato de homem, num tom escuro com risquinha clara

O CARÁCTER REVELADO PELA PELE

Pelos olhos, pela boca ou pelo nariz, já nós podíamos ver se tinha ou não mau génio.

Agora pela epiderme... Ora olça:

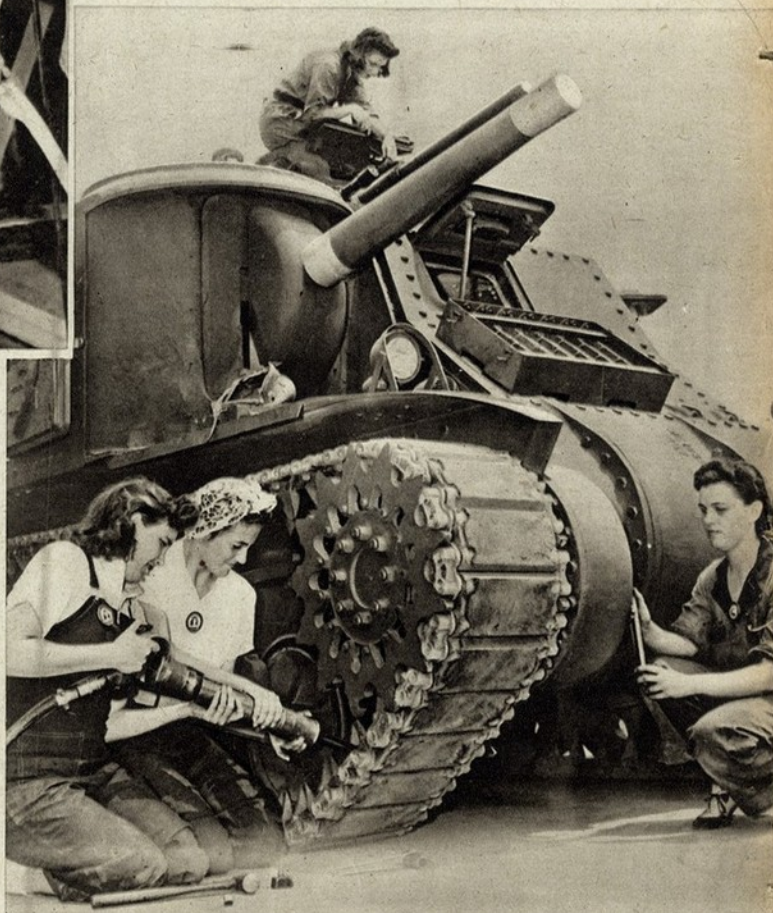
— A sua cutis é fina, macia, delicada, com pequenos poros, veias transparentes e, em certa idade, finas rugas que só de perto se vêem?

Então denota que é uma pessoa requintada e amável, incapaz de ser rude e bastante sensível.

— Ou pelo contrário, tem os poros grossos e abertos, asperos ao tocar e tendência para o oleoso?

Denota, nesse caso, feito pouco cuidadoso, génio violento e impulsividade.

Si non e vero...



As operárias americanas, como as suas camaradas Inglesas, adoptaram um vestuário especial para o trabalho

Quando sentir Dores de Estômago



RENNIE

ACTUA EM 80 SEGUNDOS

Às vezes, a indigestão ataca no momento mais inconveniente, quando se passeia, trabalha ou se viaja. Se usa remédios que precisam de ser medidos e misturados com água, num copo, terá de suportar o sofrimento. Mas nada disto é necessário. Pode ter sempre consigo, na algibeira, algumas pastilhas Rennie (são embrulhadas em papel parafinado) e assim tomá-las onde quer que se encontre.

Rennie tem gosto agradável, chupa-se como bombons. Ao mesmo tempo que se dissolve na boca, os seus 15 ingredientes atacam a indigestão. Neutralizam a ardência causada pela acidez, aliviam a dor, fazem desaparecer a flatulência e o mal estar.

Bastam 80 segundos para a Rennie acabar com o mais forte ataque de indigestão pois chega ao estômago com toda a sua força, sem diluições pela água.

Rennie tem dado alívio a pessoas que sofreram durante anos. 1198 médicos usam e recomendam estas pastilhas aos seus doentes.

Experimente Rennie imediatamente. Compre um pacote em qualquer farmácia ainda hoje.

Uma leão generosa

(Continuação da pág. 15)

considere e a considerem, também, símbolo da maior soberania zoológica, não tem nisso desmedido orgulho nem tão pouco comete a ousadia de submeter os mais débeis. Muito pelo contrário. Quando o cão protesta um pouquinho, por qualquer coisa que, lá à sua maneira, julga pertencer-lhe, logo a leão o fita, observa e termina, invariavelmente, por ceder. Não alimentam estas boas relações, apenas com aspecto diplomático, para agradar aos visitantes, tão sinceros. Pode-se vê-los frequentemente brincar, ela com leveza e cuidado, ele ruidoso, brincalhão e conflante. São sinceros e felizes na sua amizade. Não é mesmo raro vê-los trocar um beijo, com simplicidade animal, mas mais sincero que o de muitos humanos...

Quereis ganhar dinheiro?

ANUNCIAI NO

"MUNDO GRÁFICO"

A melhor revista
gráfica portuguesa

MÁQUINA DE ESCREVER NÃO ERA
CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas
Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **KARDEX** e Arquivos



LISBOA

PORTO

R. da Misericórdia, 20-1.º

Telefones: 2 1802 - 2 1803

R. Sá da Bandeira, 69-2.º

Telefone: 1 276

Literatura Inglesa

John Keats



Em tantos casos a vida do indivíduo é determinada por acontecimentos imprevisíveis. Pode o facto não constituir regra. Todavia, quasi sempre sucede — até com aqueles que, mercê ainda de circunstâncias inesperadas, ficam para sempre ignorados.

John Keats, o grande poeta inglês, se uma pequena herança o não tem favorecido na juventude, quem sabe se morreria esquecido na obscuridade das profissões humildes que ao alvorecer da mocidade exercera para poder agenciá-lo o pão de cada dia?

Talvez o seu génio poético acalentado, quando Keats era ainda infante, pela leitura de Spenser e Chapman, não houvesse despertado nêle se as más condições materiais da sua vida persistissem.

O poeta do «Endymion» não teve, por isso, os seus primeiros anos felizes; nem os bancos das universidades lhe foram familiares. Contudo, Keats sentia em si a chama que ao mesmo tempo queima e ilumina os verdadeiros poetas.

Conquanto os poetas vivam num universo às vezes irreai, é óbvio que eles não são alheios a certos métodos de agressão. Keats, não sabemos se como poeta, se como homem bondoso, sentiu essa agressividade estranha. E por tal forma a sentiu que alguns dos seus biógrafos lhe atribuíram a morte prematura a desgostos que tiveram causa na maldade de um ou outro dos seus contemporâneos. É natural que o facto represente um excesso de ternura enunciado por qualquer dos seus raros amigos. Outros, entretanto, mais práticos e, possivelmente, mais dentro da verdade, provaram ou tentaram demonstrar que a morte do grande poeta foi devida a um caso vulgar de tuberculose, doença para a qual Keats era um predisponente.

Seja porém como for: o que é certo é que o poeta, desprezando as agressões críticas dos seus contraditores, começa a escrever, pondo na sua arte um sentimento de liberdade, sem obediência a escolas ou a normas. Então a sua obra torna-se conhecida e admirada. Publica uma série maravilhosa de poemas: «Lamia»; «Isabel» e as odes. «A um rouxinol», «Ao Outono», etc. Em face de tantas obras primas o número dos seus críticos tornou-se menor do que o dos seus admiradores.

Que lhe importava que os classificadores da sua inspiração a rotulassem umas vezes de pagã, outras de clássica ou de romântica? Se ele era fundamentalmente um poeta!

A sua ode «A uma urna grega, de inspiração e pensamento helénicos e o seu poema «Hyperion» consagram-no em definitivo.

Shelley dedicou-lhe a elegia «Adonais». Byron disse a respeito do «Hyperion» que parecia escrito por titãs e que igualava em sublimidade as obras mais perfeitas de Esquilo.

O infortunado poeta não pode, no entanto, dar realidade ao muito que sonhara. Os seus males agravam-se, combalem dia a dia o seu corpo enfermo. Keats sai então da Inglaterra e percorre a Irlanda, a Escócia, a Itália, em busca de melhores.

Em 1821, em Roma, com vinte e seis anos apenas, a sua exuberante imaginação extingue-se para sempre; mas a sua obra ficou a lembrar o nome de um dos mais inspirados e ardentes poetas ingleses.

A. R.

A "PIRISCA"

CONTO DE
NEVES CORREIA

Chico cauteleiro via-o passar todos os dias, à mesma hora, na esquina onde apregoava o número da «sorte» — gordo e vasio como a sua tigela do caldo. Passavam outros senhores que também não olhavam para ele. Mas interessavam-no menos. Aquele sim. Fumava charuto e, nem de propósito: quando do-brava a rua, atirava, com um piparote, a ponta, moida pelo rilhar dos dentes e ainda fumegante, para a valeta.

Fazia as delícias do Chico. Não era uma «pirisca» vulgar, raquitica e amarelada, que queimava os beiços. Não. Era uma «pirisca» importante, gorda, com «anel» de preço — aquele senhor devia ter charutos aos centos, que os deixava fora, meia dúzia de fumaças chupadas — e corria-lhe, macia e ligeira, de um canto ao outro da boca, entre os beiços babados.

A's vezes, o Chico tinha que dar uma corridita, quando o senhor, só mais além, catapultava, com a ponta do anelar, a ponta mordida do havano.

Acontecia-lhe vaguar por outras ruas, que ali não se vendiam cautelas. Mas, àquela hora, ele lá estava na tal esquina, para fumar a «sua charutada». E que bem lhe sabia! Esquecia-se, então, da «sorte», impertigava-se como aquele senhor e, fazendo rolar entre as pontas do polegar e do indicador o aromático charuto, lançava finos rolos de fumo branco do canto da boca.

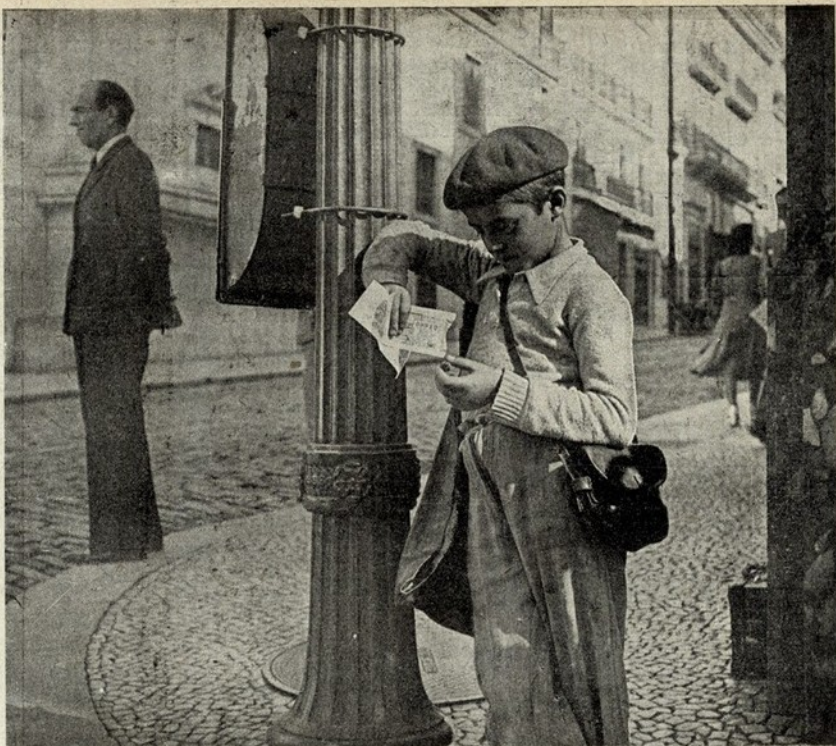
O Chico sentia-se homem e importante — importante como o «seu habano» de anel dourado com letras vermelhas. Erguia a cabeça, semi-cerrava as palpebras pestanudas com um olhar de superior desprezo. Passeava vagarosamente, pelo passeio, indiferente aos encontros dos apressados.

Sentia-se homem e importante. A camisita rota e áspera, roçava-lhe as costelas descarnadas, com voluptuosas carícias de sêda. E os papulhos da «sorte», amarfanhados entre os dedos, no fundo da algibeira das calças remendadas, eram os seus milhões. Junto ao passeio, ali perto, o seu carro com «chofê» fardado. O carro daquele senhor devia ser assim.

Um dia, o senhor apareceu sem charuto. E o Chico ficou triste. Viu-se mais miserável. Então não fumava o «seu charuto»? Que diabo teria acontecido? Nah! Havia ali qualquer coisa, mas não atinava com ela.

O número da sorte saltava-lhe das guelas em estridências metálicas de pregão cantado, mas o Chico nem se escutava a si próprio. Pensava, pensava sempre no «seu charuto» que não fumara naquele dia — que dia, minha Nossa Senhora, sem charuto e sem milhões, sem camisa de sêda e automóvel com «chofê» fardado!

Andava triste o Chico. O senhor continuava a passar, mas ele nunca mais corria atrás da ponta do charuto com anel dourado. O senhor trazia dependurado dos lábios um cigarro vulgar, igual a todos os cigarros, que deixam uma «pirisca» igual a todas as «piriscas», raquiticas e amareladas, que queimam os beiços. E o senhor não lhe parecia tão gordo, tão gordo e vasio como a sua tigela de caldo. E não tinha o mesmo olhar parado, indiferente, adormecido. Olhava com o cérebro e o cérebro não vê quando não pensa. Aquele senhor não pensava, com certeza.



Andava triste o Chico

Já não corria o Chico. Cantava, cantava o número da «sorte».

— E' o três mil e s'tenta e quatro!... Quem quer a sorte!... And'amanhã à roda!... E' amanhã qu'anda a roda!...

O senhor parou. E levou-lhe todas as cautelas — todas que o Chico não vendera nem uma ainda do bilhete que trouxera da Santa Casa.

Duzentos «palhaços» Livra, que o senhor devia ter muita «massa»! Porque não fumaria, então, o seu charuto? Não, não fumava. Quando puxou das notas para lhe pagar, ele viu muito bem: era um cigarro igual aos outros. Esteve, vai que não vai, para lhe perguntar, mas a vergonha tapou-lhe a boca. Nunca mais deixara, porém, de ruminar no caso. Era estranho!...

...

Os olhos do Chico brilharam de alegria. Ele lá estava pespegado na tal esquina, quando o senhor apareceu ao fundo da rua. E trazia o charuto petulante, enorme. E a cabeça erguida, palpebras semi-cerradas e pupilas mortas, olhando para cima, que só os gigantes e as águias olham para baixo.

O Chico atravessou-se no caminho do senhor e puxou-lhe a manga do casaco. O senhor não se lembrava dele e o Chico mostrou-lhe as cautelas.

— E' o cinco mil e vinte e nove!... Olhe que fui eu. Fui eu que vendi ontem a «sorte».

O senhor parou, mas não olhou para o Chico — como dois dias antes. Deu-lhe uma nota de cem. Andou dois passos e atirou, com um piparote, a ponta do charuto para a valeta.

O Chico correu e apanhou a «pirisca» gorda, importante, com anel dourado e letras vermelhas.

Ha quantos dias não fumava a «sua charutada»! Ha quantos dias não se sentia homem e importante, com camisa de sêda, automóvel com «chofê» e muitos milhões na algibeira das calças esfarapadas!

E teve caldo na tigela uma semana.

A GRÉCIA HEROICA

(Continuação da pág. 14)

Com o seu governo o soberano helenico refugiou-se em Africa e seguiu para Londres onde se formou e funciona a autoridade suprema da Grecia livre. Como Haakon da Noruega, como Pedro II da Yugoslavia, como a rainha Guilhermina da Holanda, o rei dos helenos é hoje a mais alta expressão da unidade moral dos seus subditos. As recentes transformações introduzidas no governo que se instalou em Londres deram a essa unidade uma forma prática e definitiva. E' a volta de Jorge II que os gregos preparam a ressurreição da sua pátria milenária.

Para isso desenvolvem um esforço admirável. No Egito e no Proximo Oriente organizaram-se forças de combatentes gregos animados do mesmo espirito de decisão e de bravura que imortalizou a sua raça na Albania e no Epiro. Todos os navios da esquadra grega que puderam fugir à perseguição do inimigo combatem actualmente no Mediterrâneo ao lado dos aliados. A marinha mercante da Grecia, que em tempo de paz era uma das mais valiosas, dá uma contribuição inestimável para a tarefa comum de bater o inimigo e de ressuscitar a liberdade e a independência dos pequenos povos.

A viagem recente que o rei Jorge II fez aos Estados Unidos selou definitivamente a solidariedade da Grecia combatente com os navios anglo-americanos. As conversações de significado britânico, que o rei dos gregos teve com o presidente norte americano representam um passo decisivo no caminho da restauração da independência da Grecia. Esta bem merece, pelo nobre espirito de sacrificio que os seus filhos têm revelado, um lugar à parte que de resto já conquistaram na consciencia dos homens livres de todo o mundo.

A CAMPANHA DE LESTE

por CARLOS FERRÃO

A DEFESA DE LENINEGRADO

A defesa de Leninegrado é um dos factos capitais da guerra germano-soviética. Ao fim de longos meses de cerco, suportado pela população em condições dramáticas, a reconquista de Tikhovin realizada durante a campanha de inverno aliviou, de maneira sensível, a pressão das tropas atacantes e contribuiu para facilitar o abastecimento da cidade que, desde então, passou a fazer-se com certa regularidade.

O sector de Leninegrado é, porém, de todos os sectores da frente russa, apesar da sua importância decisiva, aquele de que se conhecem menos pormenores. Alguns desses pormenores bastam para dar ideia da luta que ali se tem travado e da energia posta na defesa da segunda cidade da U. R. S. S. que, simultaneamente, corresponde a uma das mais importantes zonas industriais do país.

Durante o período mais intenso dos combates, os defensores da cidade, mantiveram, com denodo, o seu espírito de resistência, dividindo o seu tempo entre as fábricas de munições e as poderosas defesas da cidade.

A fortaleza de Cronstadt desempenhou um papel de relêvo, na luta, bem como os navios de guerra da esquadra russa do Báltico, ali estacionados, depois da perda do Hangoe. O fogo concentrado da esquadra interveio freqüentes vezes, no combate, repelindo o inimigo, e causando-lhe, como é notório, pesadas perdas.

Sabe-se que a maior parte da população civil, alguns milhões, foi evacuada da cidade, durante o inverno.

Leninegrado é hoje, pode dizer-se, uma cidade militar, onde ficaram, apenas, aqueles que podem ser úteis à sua defesa.

Quando do avanço alemão em 1941 foi ela a primeira grande cidade eslava a ser atacada, do triângulo Moscovo-Leninegrado-Sebastopol.

Apesar dos fortes contingentes de tropas que a guardam, a sua defesa participa dum misto popular-militar que, com o decorrer do tempo, certamente, se harmonizou.

Em Leninegrado apareceram, em determinada altura, numerosos soldados, com os fardamentos e os papéis em ordem e falando perfeitamente a língua russa os quais diziam ter perdido o contacto com as unidades a que pertenciam. Um desses grupos foi mais tarde encontrado em casa dum camponês dos

O IMPÉRIO EM ARMAS

(Continuação da página 8)

que defronta os corsários de superfície e os submarinos empenhados numa tarefa de destruição e de morte?

O soberano inglês e o seu governo ainda há pouco prestaram a mais sentida homenagem a esses heróis obscuros que incansavelmente carregam não apenas para a Inglaterra mas para outros países aquilo que constitui a base da sua existência neste momento.

Foram os aviadores da R. A. F. que venceram a batalha decisiva de Inglaterra. São eles que vão hoje desferir os mais rudes golpes sobre os centros industriais que alimentam a máquina de guerra do inimigo, Colónia e Hamburgo, Bremen e Essen, Lubbeck e Dusseldorf. São eles ainda que enchem o céu de

Africa e do Próximo Oriente com as suas proezas de epopeia e detiveram a ameaça contra o vale do Nilo num esforço supremo que a história há-de registar.

É das fábricas inglesas que sai, em torrentes, o material que alimenta as diversas frentes e para elas têm de ser transportado. Avioes e tanks, navios e peças de artilharia, tudo a Inglaterra fabrica para si e para os seus aliados. A evolução da batalha do Este tem sido condicionada pelos envios desse material. E foi aos trabalhadores de campo que o Ministro da Alimentação se referiu calorosamente ao anunciar que o solo inglês produz já dois terços das substâncias alimentícias necessárias para o sustento da sua população.



O duque de Gloucester, na Pérsia, passa revista á guarda de honra

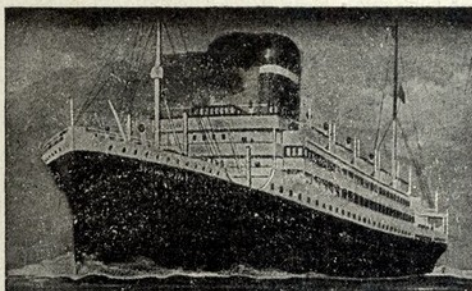
arredores da cidade utilizando um pequeno aparelho de emissão de T. S. F.

Um outro episódio agora revelado é o de uma mulher russa, chamada Petrova, que fazia espionagem por conta dos alemães. Esta mulher, segundo referem os jornais britânicos, foi presa antes de poder entregar ao inimigo os elementos que conseguiu recolher.

Por ultimo, aparecem relatados casos de soldados feridos intencionalmente que a Cruz Vermelha nunca recolhia e que, internados em hospitais da cidade, se verificava mais tarde que eram agentes do Reich.

OS PAQUETES

da Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE "SERPA PINTO"

ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a África em linhas rápidas

PAQUETES

«Serpa Pinto»	8.287 T.
«Mouzinho»	8.374 »
«Colonial»	8.309 »
«João Belo»	7.540 »
«Guiné»	3.200 »

VAPORES DE CARGA

«Pungue»	6.290 T.
«Malange»	5.050 »
«Lobito»	4.200 »
«Sena»	1.420 »

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgílio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — Tel. 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Tel. 2.342

AZULEJOS

e faianças artísticas
género antigo

FÁBRICA SANTANA

Rua do Alecrim, 91-97/Telef. 22537-81592/LISBOA



Nova Pilbeam e Geoffrey Hibbert, numa passagem do filme
«The Next of Kin»



Veronika Lake e Joel Mac Crea, os protagonistas de «Vão de Águias»

CINEMA

EM LONDRES FOI ESTREADO «THE NEXT OF KIN»

O cinema inglês continua singrando por bom caminho. Hoje, produz-se mais do que nunca — e com calma. A quantidade e a qualidade atingiram o mesmo nível de apreço e de confiança, junto do público. Os filmes, principalmente os de recente produção, revelam melhor aproveitamento de recursos técnicos, outra desenvoltura de realização e outro cuidado na selecção dos argumentos e dos elencos. Pairem em todos eles um novo espírito de colaboração. Dada a necessidade de compra, por parte das nossas firmas distribuidoras, de filmes de flagrante oportunidade, aconselhamos a aquisição de um cuja recente estreia, em Londres, teve foros de verdadeira acontecimento. Referimo-nos a «The Next of Kin», uma notável produção de Michael Balcon realizada sob o patrocínio dos Serviços Cinematográficos do Exército. O filme é brilhante, não apenas pela maneira como a história é expressa mas ainda pela sua interpretação. Contada com exuberância de lances e pormenores dramáticos, «The Next of Kin» principia com os preparativos duma importante operação de desembarque. As tropas, após prévia e rigorosa selecção, são sujeitas, em campo, a treinos especiais. Apesar de ignorarem os objectivos da missão que lhes vai ser confiada, algumas observações feitas, antes e após os exercícios, por elementos militares, levantam suspeitas nos espíes inimi-

gos. Um ligeiro comentário feito, no decurso dum amável colóquio, por um oficial a uma bailarina, abre o caminho à espionagem alemã. Dois agentes alcançaram a Inglaterra. Um deles é priso. Após várias proezas de despiste estabelece-se contacto com a «técnica» do segundo agente na organização das suas investigações. É um homem vulgar, de pequena estatura. Sob uma aparência inofensiva, obtém informes resultantes de descuidos e de acções, mal pensadas. As

notícias, assim colhidas, são enviadas ao Alto Comando inimigo, que fica apto a dar a réplica...

Consoante o estabelecido, o ataque é iniciado. Apsaear-se de contar com uma ligeira resistência, uma surpresa se verifica: as tropas inimigas revelam forte preparação e conhecimento dos objectivos britânicos. A luta é tremenda, sangrenta, mas os contingentes ingleses conseguem cumprir a missão que lhe fora determinada: destruir todos os pontos vitais.

Muitas perdas se teriam evitado, se não fôsse o descuido e as palavras proferidas im-

pensadamente — tal é a severa lição de moralidade que oferece o filme «The Next of Kin».

A realização trás a assinatura dum nome prestigioso: Thorold Dickinson. No desempenho participam Basil Sydney, Frederick Leister, Jack Hawkins, David Hutcheson, Phyllis Stanley, Mary Clare, Nova Pilbeam, Thora Hird e Frank Allenly.

António Lourenço

NOTAS... NACIONAIS

A caminho da América...

Perdigão Queiroga, um dos nossos melhores técnicos, que tem desempenhado as funções de assistente do operador José Cesar de Sá, deve partir em breve para a América do Norte, a bordo do «Cliper», contratado pelo Departamento Nacional de Investigações Científicas. A sua actividade, no continente americano, não se prenderá com assuntos cinematográficos. Um dos intentos do nosso compatriota visa negociar a patente de invenção dum carro de assalto cuja eficiência se presume interessar o governo das Estados Unidos.

«A terra portuguesa pode produzir mais»

Adolfo Coelho e Manuel Luiz Vieira, o primeiro nas funções de realizador e o segundo como operador, encetaram a produção dum documentário de propaganda, para o ministério da Economia, intitulado «A terra portuguesa pode produzir mais».



Uma das cenas mais emocionantes de «The Next of Kin». Os «comandos» num audacioso raid a território inimigo



...aqui **AMÉRICA**

**Emissões dos ESTADOS UNIDOS
EM LÍNGUA PORTUGUESA**

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Dias	Ondas curtas
9,15	Segunda-feira.....	25,23 m. (11,89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado...	31,02 m. (9,67 mc/s)
10,30	Segunda-feira.....	25,23 m. (11,89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado...	31,02 m. (9,67 mc/s)
20,15	Segunda-feira, Sexta- -feira.....	25,40 m. (11,79 mc/s) 30,90 m. (9,70 mc/s) 49,60 m. (6,04 mc/s)
21,30	Sábado, Domingo	19,56 m. (15,33 mc/s) 31,02 m. (9,67 mc/s)
21,45	Sábado, Domingo	31,02 m. (9,67 mc/s)
	Segunda-feira, Sábado	19,56 m. (15,33 mc/s)
23,30	Sábado, Domingo	19,56 m. (15,33 mc/s)

**OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA**

MUNDO GRÁFICO



Um herói
típico
da
Royal Air Force
com a sua
mortífera
metralhadora